

Educadores em contradição

* 7 DEZ 1992 *Educação*

A idéia de que qualquer reforma da Educação brasileira deve dar prioridade à capacitação do professor já é lugar-comum. Todos os “reformadores” — desde os oficiais (os que possuem cargo na área e por dever de ofício assim se apresentam), passando pelos acadêmicos (geralmente autores de teses solucionadoras de tudo), até os ideológicos (os que só pensam por convicções políticas) — estão de acordo em um ponto: é preciso investir nos quadros humanos nacionais que, por profissão, cuidam do futuro. Esse investimento está sendo feito? Pesquisa em forma de avaliação promovida pelo curso de Pedagogia de uma faculdade particular de São Paulo investigou a capacidade dos estudantes de avaliar conceitos filosóficos. O resultado foi a constatação de que os alunos não são capazes de perceber que suas respostas são contraditórias. A maioria dos alunos, todos já profissionais do ensino, apresenta-se como “liberais” em Educação e na vida, repudiando ostensivamente qualquer imposição de idéias não plurais. No seu cotidiano profissional, porém, repetem que só a opção pelo “pensamento marxista” (uma coisa confusa e sem nexos) pode salvar a Educação brasileira, acabando com a “dominação de classe” (referem-se às sociais e não às de aula), além de cerca de 80% das respostas indicarem que um único educador “pode salvar” o processo educacional deste país, embora isso não lhes tenha sido perguntado. Ou seja, confusão total.

Em setembro, pesquisa da Fundação para o Desenvolvimento da Educação, órgão da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, questionou os professores paulis-

tas sobre seus hábitos de leitura. Descobriu que 47% do magistério admite que lê “mais ou menos”, enquanto 29%, quase um terço dos professores do Estado mais rico da Federação, reconhece que possui “poucas leituras”. Merece atenção outro dado: 69% dos professores são a favor da leitura das histórias em quadrinhos para seus alunos, lidas por 28% dos educadores de São Paulo.

O governo de São Paulo está oficialmente empenhado em uma reforma do ensino público. Reconhece que tal reforma passa essencialmente por uma transformação dos recursos humanos da rede formal de ensino, embora pesquisa da própria Secretaria da Educação confirme que os professores lêem muito pouco. Apesar disso, este mesmo governo insiste em reciclar professores a partir do que escutam e do que lhes é quase imposto para ler. Não estaria na hora de todos os “reformadores” educacionais, governo principalmente, reconhecerem que o grande obstáculo para reformar nosso ensino está na evidência de que os professores não sabem mais pensar? Porque lêem pouco, porque ganham pouco e porque as faculdades em que se formaram trocaram conhecimento por ideologia.



M. F. O. N. T. A. S.

ESTADO DE SÃO PAULO